

## ENTRE TRIBOS E SENZALAS: Uma análise sobre o Catimbó de Jurema e seu hibridismo cultural.

*BETWEEN TRIBES AND SENZALA: An analysis of the Catimbó de Jurema and its cultural hybridism.*

PRADO, Filipe Siqueira, Mestrando, Universidade Federal de Pernambuco

filipe.prado@ufpe.br

MIRANDA, Eva Rolim, Doutora, Universidade Federal de Pernambuco

eva.miranda@ufpe.br

### Resumo

Este Trabalho tem como objetivo mostrar através da cultura material dos artefatos ritualísticos, a continuidade da tradição inventada nos ritos de Jurema Sagrada em um terreiro de Pernambuco. Nossos objetivos é contextualizar historicamente a Jurema enquanto religião, descrever e caracterizar as informações coletadas em campo, em um terreiro da cidade de Gravatá - PE. Fundamentados em autores pertinentes ao tema e artigos disponibilizados na internet, demos início a pesquisa, que teve seu desenvolvimento no Abassá Axé Ilê de Iansã a partir de entrevista com o Babalorixá<sup>1</sup> Jorge Antônio, responsável pelo local e segundo babalorixá mais velho da cidade. Nossos princípios de análise foram qualitativos e de caráter exploratório. Nossa pesquisa pretende contribuir com estudos sobre a Jurema, sobretudo a partir da ótica do Design, adaptando a classificação de Lobach (1976), para artefatos práticos, estéticos e simbólicos, onde analisamos um artefato de cada categoria encontrados no Abassá Axé Ilê de Iansã.

**Palavras Chave:** Jurema Sagrada; Catimbó de Jurema; Cultura Material; Design

### Abstract

*This work aims to show, through the material culture of ritual artifacts, the continuity of the tradition invented in the rites of Jurema Sagrada in a terreiro in Pernambuco. Our objectives are to historically contextualize Jurema as a religion, describe and characterize the information collected in the field, in a terreiro in the city of Gravatá - PE. Based on authors relevant to the topic and articles available on the internet, we began the research, which was developed in Abassá Axé Ilê de Iansã based on an interview with Babalorixá Jorge Antônio, responsible for the place and the second oldest babalorixá in the city. Our principles of analysis were qualitative and exploratory in nature. Our research aims to contribute to studies on Jurema, especially from a Design perspective, adapting Lobach's (1976) classification for practical, aesthetic and symbolic artifacts, where we analyze one artifact from each category found in Abassá Axé Ilê de Iansã.*

**Keywords:** Jurema Sagrada; Catimbó de Jurema; Material Culture; Design

---

<sup>1</sup> Pai de santo, pai de terreiro, babalorixá, babaloxá ou babá é o sacerdote das religiões afro-brasileiras. Seu equivalente feminino é a ialorixá ou mãe de santo.

## INTRODUÇÃO

A Jurema, enquanto prática religiosa, se desenvolve a partir do encontro dos povos originários indígenas, da população negra escravizada vinda de África e de uma cultura branca, cristã e europeia. Se encontrando no entrelaçamento de práticas indígenas de pajelança e xamanismo, do culto aos Orixás trazidos pela população negra, e de uma aproximação com o catolicismo por ser a religião imposta pelos colonizadores, ou ainda, atualizando Cascudo (1978) a Jurema é o processo de convergência ameríndia-afro-branca. Segundo Coelho (2016) a Jurema como objeto de estudo foi preterida em relação às demais religiões afro-brasileiras sobretudo as de tradição jeje-nagô<sup>2</sup>, onde o primeiro esforço foi o de compreender e reconstruir as tradições africanas pós-diaspóricas. Do ponto de vista do Design, temos nos campos da memória gráfica e do Design da informação um interesse crescente em compreender artefatos, práticas, os usos e suas relações com questões de nossa cultura e identidades brasileiras.

Cascudo (1978), tradutor de Henry Koster<sup>3</sup>, viajante inglês proprietário de engenhos e terras no Brasil, desde 1814 já descrevia os rituais indígenas praticados no nordeste denominados de Toré. Outros autores registraram práticas similares nas tribos Potiguaras, Kiriris (VIEIRA, 2001), Kalankós (AMORIM, 2010), entre outras, tendo como similaridade o uso de cachimbos, maracás, cantos e da bebida ritualística jurema. Em sua pesquisa sobre Catimbó e magia branca no Brasil, Cascudo descreve a presença destas práticas também conhecidas como “Xangôs do Recife e Maceió”, muambas, canjerês, feitiços, coisa-feita, despacho, ebó. Catimbó é o feitiço e o processo de prepara-lo (...)” (CASCUDO, 1978: 17), quando falamos de Catimbó de Jurema, estamos falando dos processos e artefatos utilizados na prática religiosa da Jurema Sagrada. As cerimônias religiosas eram chamadas de adjunto de jurema, onde nesta reunião os frequentadores ingeriam bebida ritualística extraída da árvore Jurema para entrar nas cidades da Jurema Sagrada<sup>4</sup> e se comunicar com seus antepassados e o sagrado (COELHO, 2016). No Nordeste temos registros de cidades de referências do culto a Jurema com Alhandra (COELHO, 2016; SALLES, 2004) e também a cidade do Acais, (SALLES, 2010), ambas as cidades são o que podemos dizer como pioneiras no culto ao Catimbó de Jurema, referenciada por muitos até os dias de hoje.

Desta maneira surge a problemática central deste artigo, investigar os símbolos da Jurema, na perspectiva de Twyman (1979:118) em que ‘gráfico’ é aquilo que é desenhado ou feito visível em resposta a decisões conscientes e nos apoiando no estudo da cultura material Sanches e Antonio (2005), Andrade (2011) e Miller (1987). Neste sentido, centrados no campo simbólico, desenvolvemos uma análise exploratória de alguns artefatos coletados no terreiro Abassá Axé Ilê de Iansã, situado na cidade de Gravatá, agreste pernambucano, distante 84 quilômetros da capital, Recife.

O Abassá Axé Ilê de Iansã é o segundo terreiro mais velho de Gravatá, criado em 1972, tendo 52 anos de existência, atualmente, conta com 23 filhos frequentadores que participam dos rituais e das visitas que o Babá realiza, Pai Jorge de Oya é bastante conhecido na cidade, não só pelo tempo de existência, mas também pelas suas questões políticas, um grande marco

<sup>2</sup> Termo usado para designar a fusão cultural e religiosa entre os povos Jeje e Nagô

<sup>3</sup> Henry Koster, viagens ao nordeste do Brasil. Coleção Brasileira. Traduzido por Luís da Câmara Cascudo em 1942, sendo publicado pela Cia. Editora Nacional, 1942, São Paulo.

<sup>4</sup> Juremal, Vajucá, Tigre, Canindé, Urubá, Fundo do mar, Josafá, em Cascudo (1978, p.54).

para os povos de terreiro foi a criação da associação de terreiros de Gravatá, tendo Pai Jorge como presidente, seu desejo é a inclusão dos povos de terreiros na política e valorização da cultura dentro da cidade, sendo os participantes da associação, historiadores, professores, candomblecistas, juremeiros e umbandistas.

A intenção do estudo é identificar as práticas tradicionais através do estudo dos artefatos. Este artigo se concentra inicialmente pelo estudo exploratório, baseando-se na definição de Selltiz (1965), estes estudos englobam pesquisas que buscam descobrir ideias e intuições, visando adquirir maior familiaridade com o fenômeno investigado. Neste contexto buscaremos trazer uma aproximação do fenômeno do Catimbó de Jurema através do terreiro Abassá Axé Ilê de Iansã, em Gravatá, cruzadas com demais referências bibliográficas.

Buscando também contextualizar historicamente sobre a prática religiosa do Catimbó de Jurema, sua origem nos terreiros brasileiro e como ela se difundiu nos diversos estados, adquirindo características particulares, mantendo sua essência através do uso de artefatos principais como os instrumentos indígenas e africanos. Dando a possibilidade para que todos os terreiros marquem seu reconhecimento e pertencimento ao catimbó de Jurema, independente do estado no qual está sendo cultuado.

Este artigo encontra-se estruturado inicialmente a partir de seu posicionamento metodológico, seguido de uma breve contextualização das compreensões acerca do termo jurema e as origens históricas de sua prática, assim como um breve histórico do terreiro Abassá Axé Ilê de Iansã. Através de uma análise dos artefatos do Catimbó de Jurema à luz dos estudos da cultura material, analisando três categorias de objetos,, a partir de Lobach (1976) utilizados no culto à Jurema Sagrada numa perspectiva do campo simbólico.

## 1 NORTES METODOLÓGICOS

A partir de uma observação participante no terreiro Abassá Axé Ilê de Iansã, enquanto filho da casa, ao passo que assumimos uma postura consciente do sujeito na pesquisa, rejeitamos uma perspectiva positivista, neutra e desencarnada. Situados e imersos nesta comunidade, visamos estudar os preceitos, rituais, artefatos buscando a integração e construção para que estes saberes possam ser compreendidos por um amplo público e em diversas esferas.

Este estudo se configura como pesquisa qualitativa, onde neste estudo exploratório, faremos a descrição e contextualizações dos artefatos ritualísticos e das práticas espirituais, a partir de registros fotográficos do culto do Catimbó de Jurema no terreiro Abassá Axé Ilê de Iansã, na cidade de Gravatá, agreste pernambucano.

Através do levantamento dos textos existentes sobre as definições e teorias relacionadas aos cultos indígenas e africanos, mas igualmente nas menções sobre os rituais do Catimbó de Jurema coletados e sistematizados a partir das obras de Koster (1942), Wagley (1943), Bastide (1945), Nantes (1979), Ramos (2001) e Assunção(2010), em conjunto com o estudo exploratório pretendemos compreender as percepções e as práticas atuais do Catimbó de Jurema no terreiro Abassá Axé Ilê de Iansã, e assim identificar elementos comuns que persistem e resistem dentro desses rituais.

## 2 JUREMA SAGRADA: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Antes de adentrar no contexto histórico da prática religiosa da Jurema Sagrada, é importante compreender as várias acepções da palavra. O termo jurema, dada sua polissemia, é mais comumente associado a prática religiosa da Jurema Sagrada que se associa diretamente com o nome da árvore comum do nordeste brasileiro (Figura 1), com a bebida ritualística produzida a partir da árvore se designa jurema e ou ainda com o Juremal, um dos sete reinos encantados da prática religiosa da Jurema Sagrada. Dentro do culto da Jurema Sagrada temos ainda uma entidade com o mesmo nome chamada de Cabocla Jurema, entidade que é considerada como uma das embaixadoras da religião. Para explicar melhor as várias compreensões do termo jurema, podemos tomar como referência Assunção (pág. 16. 2010) no relato que, segundo a mitologia indígena, uma criança foi encontrada aos pés do arbusto da planta Acácia Jurema, recebendo o assim o seu nome; aquela criança foi chamada naquele momento de Cabocla Jurema. Dentro da religião se tornou uma das embaixadoras do ritual, carregando dentro do culto falanges<sup>5</sup> que seguem sua liderança como outros caboclos, Jurema foi adotada pelo Cacique Tupinambá (outra entidade da religião), Jurema morreu por amar um homem que fazia parte de uma tribo inimiga, levando uma flecha da sua própria tribo por defender seu amor proibido. Segundo a mesma crença, no local da morte da cabocla nasce uma planta que sempre floresce e está virada para o sol, hoje essa planta é conhecida como Girassol. (EHLERS, 2017).

No que diz respeito a árvore ela tem dois tipos a Jurema Branca (*Mimosa ophthalmocentra*) ou Preta (*Mimosa tenuiflora*), o caule se usa para lenha, as sementes servem para um ritual de iniciação da Jurema chamado de Calçamento<sup>6</sup>, a sua seiva e casca quando misturadas servem para o preparo da bebida ritualística, então podemos afirmar que a árvore Jurema está intercalada com a entidade Cabocla Jurema e os rituais praticados estão diretamente associados.

Figura 1: Árvore da Jurema, essa espécie é a Jurema-Preta (*Mimosa tenuiflora*)

<sup>5</sup> Falange: Grupo de entidades que, conforme algumas religiões, como a umbanda ou o espiritismo, por exemplo, atuam dentro de uma mesma linha ou faixa de vibração espiritual; legião.

<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/falange#:~:text=8%20Rel%20Grupo%20de%20entidades,faixa%20de%20vibra%C3%A7%C3%A3o%20espiritual%3B%20legi%C3%A3o.>

<sup>6</sup> Segundo Pai Jorge, esse ritual é a iniciação, onde será introduzido uma semente da Jurema na pele do adepto e feito oferendas aos encantados, marcando o começo dele ao catimbó de Jurema.



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jurema\\_\(%C3%A1rvore\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jurema_(%C3%A1rvore))

As origens documentadas remontam ao século XVI, segundo Oliveira (2015) existem registros por volta de 1580 de um culto similar chamado ‘Santidade do Jaguaripe’, no sertão baiano, onde dentro da ritualística se utilizavam símbolos do cristianismo e a utilização de ervas, fumaça e a vivência do transe espiritual. Esta ritualização herdada dos indígenas, seria a primeira forma conhecida como Catimbó de Jurema, cultuando seres encantados ou Mestres como pontua Assunção:

A partir da literatura existente, podemos inicialmente dizer que o culto da jurema é um culto de possessão, de origem indígena e de caráter essencialmente mágico-curativo, baseado no culto dos “mestres”, entidades sobrenaturais que se manifestam como espíritos antigos e prestigiados chefes de culto, como juremeiros e catimbozeiros. (ASSUNÇÃO, 2010, p. 19).

Entre os praticantes da Jurema Sagrada haviam os tapuias, que habitavam os sertões da capitania do Rio Grande do Norte. Os missionários e colonizadores classificaram os indígenas por duas nomenclaturas: caboclos e tapuias. A primeira dos ‘caboclos’ se referindo aos indígenas em estado de domesticidade que estabeleceram o pacto de servidão com os colonizadores e missionários. E a segunda dos ‘tapuias’ (não falantes do tupi-guarani), os que ainda se conservam na vida selvagem, cuja servidão aos missionários e colonizadores nunca aconteceu (KOSTER, 1942 p. 41). Foram os próprios tapuias que deram início às nações Kariri, Kariri- Xocó e Xucuru, Tarairiú, Janduí, Payaku e Kanindé e a outras tribos que se expandiram pelas capitanias que hoje configuram a região Nordeste. As narrativas, muitas vezes de cunho depreciativo, deixadas pelos cronistas e missionários da época, mencionadas por Assunção em sua obra *O Reino dos Mestres*, relata a partir do século XVIII sobre as populações indígenas que habitavam o Nordeste brasileiro, nos apoiam na compreensão do respaldo que esses povos tiveram na fundamentação da Jurema Sagrada enquanto religião, como descreve Nantes:

[...] Havia entre eles feiticeiros ou, para dizer melhor, impostores, que adivinhava o que eles pensavam. Predizem coisas futuras, curavam doenças, quando não as produziam. Podia-se acreditar que alguns deles tinham entendimento com o Diabo, pois não usavam, como remédio, para todos os males, senão a fumaça do tabaco e certas rezas, cantando toadas tão selvagens quanto eles, sem pronunciar qualquer palavra. [...] (NANTES, 1979., p. 21).

Nosso interesse mais particular dentro dos territórios que compõem o nordeste brasileiro, é um profícuo locus para o estudo dos processos de hibridismo cultural, como apontam (BURKER, 2003) e (HAESBAERT, 2012). no processo de que emergia nos rituais afro-brasileiros e nos cultos surgidos a partir da miscigenação de etnias. Cascudo (1978), atribui a origem da Jurema Sagrada ao encontro de tradições indígenas com africanas, afirmando que seria a união das três etnias brasileiras: os negros com os ritmos e invocações; a concepção de magia, orações, encatamentos transmitida de forma oral pelos europeus, e, por fim, o uso de plantas, maracá, cachimbo, mestres invisíveis, viriam das contribuições das populações indígenas ameríndias. É importante mencionar e atualizar a descrição de Cascudo, onde historicamente temos as populações indígenas como matriz primeira e fundamental para a formação do culto a Jurema Sagrada.

Em Pernambuco existem registros que ligam a prática da Jurema Sagrada ao Antigo quilombo do Catucá, atualmente cidade de Paulista, tendo como seu líder principal Malunguinho<sup>7</sup> (GONÇALVES E BIVAR, 2013), hoje convertido em entidade dentro do panteão da Jurema, os terreiros pernambucanos tem como de forma imprescindível o altar dedicado a essa entidade, pois foi em terras pernambucanas que Malunguinho recebeu o título de um dos embaixadores da Jurema e auxiliou na difusão do culto em território pernambucano (CARNEIRO, 2023).

Em entrevista realizada no dia 29 de junho de 2024, com o Babalorixá Jorge de Oyá, quando perguntado sobre a origem do culto a Jurema Sagrada em Pernambuco, segundo ele, começou em Paulista e chegando em Casa Amarela, no Recife, sendo espalhada no antigo Engenho Belo na cidade de Tracunhaém e no Engenho do Meio localizado em Recife. Alguns nomes de pessoas fundamentais para a existência desse culto no estado de Pernambuco foram citados por ele como, Pai Adão<sup>8</sup> que repassou os conhecimentos em Água Fria, sendo um dos responsáveis pela disseminação dos conhecimentos sobre o culto em Pernambuco.

### **3 O CULTO E A TRADIÇÃO DA JUREMA SAGRADA DENTRO DO TERREIRO ABASSÁ AXÉ ILÊ DE IANSÃ**

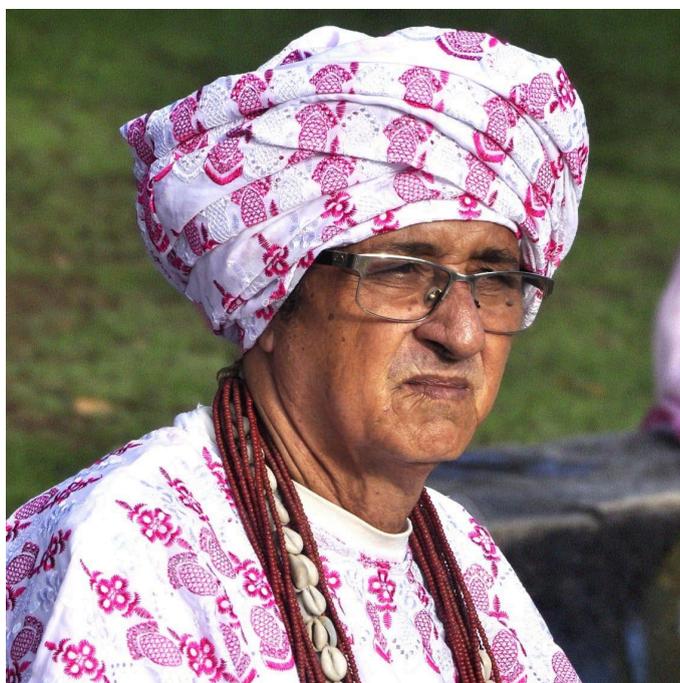
---

<sup>7</sup> Malungo significa companheiro de embarcação, era o companheiro que era embarcado à força no mesmo navio negreiro (SOUSA, pág. 17. 2023).

<sup>8</sup> Sítio de Pai Adão, Ylé Axé Obá Ogunté fundado em 1875 por nigerianos, Pai Adão foi o quarto Babalorixá da casa, hoje Patrimônio Histórico de Pernambuco, declarado Patrimônio Cultural do Brasil pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).  
<https://www.folhape.com.br/especiais/guia-recife/conheca-o-sitio-do-pai-adao-considerado-um-dos-terreiros-mais/266630/>

A história do Abassá Axé Ilê de Iansã começa em 1978, em meio a repressão política, censura e perseguição a pensamentos e movimentos contrários à ditadura militar e ao conservadorismo. Jorge Antonio de Sobral, que nasceu no dia 02 de novembro de 1953, conhecido como Pai Jorge, foi iniciado e feito<sup>9</sup> no santo aos 7 anos na Umbanda (figura 3), fundou seu terreiro na continuação de sua jornada espiritual, em um casa modesta em Cachoeira de São Félix, no interior da Bahia. Sofreu algumas perseguições por conta de sua escolha por ser umbandista, os seus perseguidores não concordavam com práticas religiosas que não fossem cristãs, essa perseguições diminuíram com o passar dos anos, quando Pai Jorge começa a ter voz ativa na política local.

Figura 2: Foto do Babalorixá Pai Jorge de Oya



Fonte: Acervo pessoal

Em 1980, convidado para um batizado cristão de um afilhado, na cidade de Gravatá, vindo da Bahia após sua feitura. Em 1981, ele se estabeleceu na cidade de Gravatá e começa a fazer amizades, Pai Jorge começa a ganhar conhecimento e fama, devido a sua função de Parteiro<sup>10</sup>, visitando algumas casas de pessoas influentes, começou a fazer amizades e o seu nome em Gravatá começou a ficar conhecido.

Figura 3: Identidade visual da Associação Religiosa de Valorização Cultural de Raiz de Matriz Africana, Abassá Axé Ilê de Iansã.

<sup>9</sup> Ritual que inicia a caminhada espiritual de um adepto dentro do culto aos Orixás, começando aos 7 anos, com a primeira confirmação aos 14 anos e a segunda confirmação aos 21 anos de feitura.

<sup>10</sup> As práticas de parteiria em Pernambuco tem forte ligação com os saberes tradicionais dos povos indígenas e dos povos afro-descendentes. <https://museudaparteira.org.br/>



Fonte: <https://www.blogdomatuto.com.br/uploads/2018/matuto%202/nina%20020522.jpg>

Pai Jorge adquiriu muitos feitos como o estabelecimento do terreiro em Gravatá, formação de novos Juremeiros e hoje atua exclusivamente para a vida no campo e a seus filhos de Jurema. Vale ressaltar que durante sua caminhada passaram pela sua casa filhos e filhas que hoje estão presentes e outros que já faleceram, fazendo parte da história do Abassá Axé Ilê de Iansã. Ao visitar o local, deparamos com a foto que ele guarda com muito carinho de sua primeira Yawo (figura 4).

Figura 4: Primeira filha de santo feita no Orixá por Pai Jorge, seu nome era Gertrudes da Silva, já falecida.



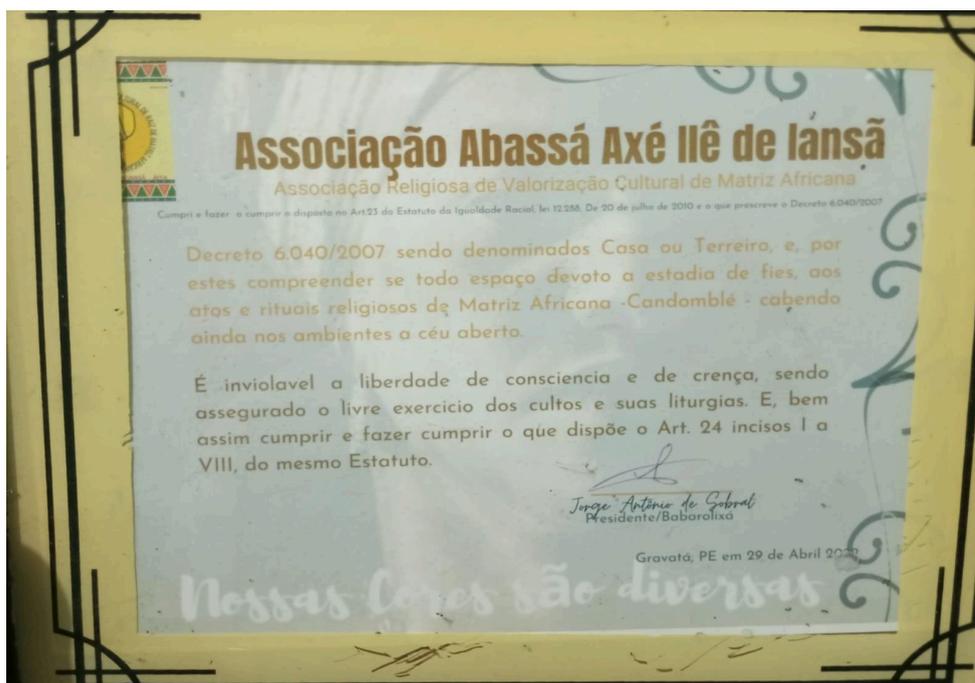
Fonte: Acervo Pessoal.

Pai Jorge se orgulha muito em falar sobre a sua filha mais velha ainda viva que está até hoje com ele, Dona Edilene dos Santos, mais conhecida como Dona Bezinha, segundo relato dela, está ao lado de Jorge há 30 anos, acompanhando ele em toda sua trajetória profissional e espiritual, tendo uma função importante dentro do terreiro como testemunha ocular de sua trajetória.

Em 2010, Pai Jorge consegue judicialmente a liberação para o exercício da função de terreiro, liberdade política e religiosa e o papel da valorização cultural de raiz de matriz africana de Gravatá/PE (figura 5), se tornando seu presidente, onde o papel social da associação é ensinar o povo de terreiros e adeptos a buscarem conhecimento sobre a ancestralidade e sobre seus deveres e direitos políticos dentro da sociedade, além disso, a instituição tem o papel de ensinar conhecimentos sobre alguns rituais e criar campanhas como 'Doe Brinquedos' que tem como função distribuição de brinquedos para as comunidades carentes. Seu terreiro, que antes era conhecido como 'terreiro de Pai Jorge', agora recebe o nome de Abassá Axé Ilê de Iansã.

Além dos movimentos citados, Pai Jorge está ligado aos movimentos sociais em Gravatá e é frequentemente convidado para reuniões com parlamentares para debater leis e propostas que incluam os povos de terreiros. A partir destes diálogos foi possível avançar em conquistas como: feriado religioso, passeata de conscientização da cultura negra e a possibilidade de fazer reuniões de Catimbó de Jurema fora dos terreiros, assim como locais destinados pela prefeitura para que os adeptos possam fazer suas oferendas, obrigações e rituais desde que em acordo com às leis estabelecidas pela constituição.

Figura 5: Documento de validação da Associação Abassá Axé Ilê de Iansã de Gravatá/PE



Fonte: Acervo Pessoal

Hoje existem em torno de 25 terreiros localizados em território gravataense, contando com zona rural e urbana, mas entre os mais antigos está o Abassá Axé Ilê de Iansã, que carrega em suas paredes, história de resistência, luta e aprendizado carregado por aqueles que escolheram fazer parte do Catimbó de Jurema, onde seus filhos já juremeiros, abriram outros terreiros na cidade que trazem os ensinamentos de Pai Jorge, que podemos dizer que fazem parte da 'Rama<sup>11</sup> de Pai Jorge'.

Quando entramos no terreiro de Jorge, podemos perceber alguns objetos ritualísticos e práticas dentro dos rituais, podemos citar a ingestão da bebida Jurema, o uso dos cachimbos, os pontos cantados. No Abassá Axé Ilê de Iansã a árvore (Jurema) e outras ervas são utilizadas em diversas práticas do Catimbó de Jurema: em misturas de banhos para os adeptos, cujo intuito pode ser descarregar energias negativas, o desenvolvimento mediúnico, a cura de doenças, ou com a intenção de solução de problemas pessoais; e ainda, na preparação de banhos para a lavagem do salão. Além dos banhos, as ervas também são utilizadas nas práticas de defumações que podem ocorrer antes de começar uma reunião de gira.

A bebida ritualística Jurema feita da casca da árvore, preparada dentro do terreiro, serve para ser ingerida e também está presente na composição dos assentamentos das entidades e no encantamento dos iniciantes da religião, chamado também de Calçamento, ritual no qual o iniciante recebe em seu corpo uma semente de Jurema, marcando o começo de sua jornada como Juremeiros(as)<sup>12</sup>. Pai Jorge sempre reforça que o juremeiro começa pela rama<sup>13</sup>, ou seja,

<sup>11</sup> Termo utilizado para designar filhos de um pai de santo que leva o que aprendeu para outros filhos.

<sup>12</sup> Nome dado aos praticantes do Catimbó de Jurema.

<sup>13</sup> A rama é uma estrutura de planta que cresce a partir do caule e das folhas. Conjunto dos ramos e folhagens das árvores e plantas.  
<https://michaelis.uol.com.br/palavra/2a5Na/rama/#:~:text=1%20Conjunto%20dos%20ramos%20e,%2C%20ramagem%2C%20ramalheira%2C%20ramaria.>

pelo Calçamento se inicia o conhecimentos das ervas, o conhecimento, a sabedoria e o respeito à ancestralidade tudo está interligado e espiritualmente tudo será apreendido pelo recém iniciado.

Esse conhecimento do uso ritualístico das plantas para fins religiosos e o seu uso terapêutico é ensinado e praticado dentro do terreiro, seguindo essa concepção do entendimento das ervas, podemos notar sua ligação à saúde e à espiritualidade, de modo que são percebidas como entrelaçadas, conectando o corpo carnal ao mundo espiritual. Tais tradições são passadas de forma oral para os filhos de Pai Jorge, através dos conhecimentos adquiridos ao longo dos seus 52 anos como Juremeiro, seu terreiro permaneceu até os dias de hoje com sua cultura e ancestralidade do culto ao Catimbó de Jurema, inclusive vale ressaltar que dentro de Gravatá, o Abassá Ilê axé de Iansã é um dos poucos terreiros que ainda podem contar com o saber do benzimento através da presença das rezadeiras<sup>14</sup>.

#### **4 CULTURA MATERIAL: ANÁLISE E DISCUSSÃO DE ARTEFATOS QUE CONTAM HISTÓRIAS**

Bucaille e Pesez (1989) nos estudos sobre Cultura Material, definem artefato como sendo fruto da ação humana sobre uma matéria a partir de um projeto inicial, sendo considerados aqueles que são produzidos pela ação humana, mas também as coisas naturais que sofreram ação humana e adquiriram sentidos simbólicos ressignificados.

No campo do Design, o termo mais comumente encontrado para definir os artefatos frutos da ação humana era 'objeto'. Lobach (1976) classifica os objetos em, estéticos, simbólicos e funcionais, nós preferimos o termo artefato porque se diferencia de uma corrente positivista e neutra, adentrando os estudos em Cultura Material. Dentro do Catimbó de Jurema, pode extrapolar o conceito de Lobach, para classificar os artefatos presentes na Jurema Sagrada como simbólicos, ou seja, aqueles que são marcados pelo seu contexto religioso e sagrado. Temos nos assentamentos, Ilús, Maracás, Agdás e Cachimbos, um sentido ligado diretamente a função, que neste caso é espiritual. E os artefatos estéticos que são as guias, vestimentas, velas, adornos (como chapéus, jóias e perfumes), esses dependem do desejo do Juremeiro(a) em harmonia com a entidade cultuada.

Refletir sobre a cultura material da Jurema induz a discorrer não apenas sobre a religião, mas sobre os pressupostos teóricos que respaldam a feitura da pesquisa dentro do campo do Design. Para tanto, aqui buscamos, a partir da reflexão dos autores, apresentar as origens, conceitos e perspectivas adotadas sobre informação e cultura material como signo e sua relação com a memória e identidade cultural dos povos tradicionais.

Miller (2013, p.75) situa os objetos, a cultura material, como elemento resultante do labor social, configurada por sua cultura, uma expressão pela qual é possível identificar seus aspectos simbólicos, bem como, sua identidade. O autor também trata da cultura como algo a ser elaborado, entendendo assim, como uma construção a partir das pessoas e de suas relações com os artefatos.

---

<sup>14</sup> Mulher ou homem, geralmente idoso, que tem "poderes de cura" por meio de benzimentos. Cascudo (2000, p.587).

Demo (2000), ao discorrer sobre a sociedade da informação, chama a atenção para sua importância no processo emancipatório, de valorização e reconhecimento de saberes. No entanto, o autor alerta em como essa informação, ainda, não é - ou não tem sido utilizada, como uma ferramenta para descolonização, isso porque:

O processo atual de globalização aponta para esta direção de modo ostensivo: o que mais se globaliza são formas globalizantes de discriminação. Longe de as chances estarem mais bem distribuídas, concentram-se em clivagens tanto mais drásticas. (DEMO, 2000, p. 37).

O autor propõe o termo 'desinformação', "[...] como ação dialógica, porém, contrária ao processo de informar, desinformar faz parte da informação, assim como a sombra faz parte da luz. Trata-se do mesmo fenômeno, apenas com polos opostos" (DEMO, 2000, p. 39). Nesta perspectiva, através dos relatos de cronistas e missionários, é possível perceber que o caráter deste discurso teve como efeito o estigma desses grupos, desinformando sobre essas práticas religiosas e sobre os povos que as praticavam, reforçando a persistência e os paradigmas da visão colonizadora.

Com isso, discutir sobre a informação e suas especificidades é necessário, refletindo aqui, com destaque a informação não textual, a que se encontra em suportes variados, captada pela percepção a partir da interação com o campo, os artefatos encontrados dentro do terreiro e as práticas associadas ao mesmo. Pretendemos, portanto, contribuir para a visibilidade da prática religiosa da Jurema Sagrada e do Catimbó de Jurema. Neste artigo, devido a grande quantidade de artefatos encontrados no Abassá Axé Ilê de Iansã, separamos em grupos a partir da adaptação de Lobach (1976): Simbólico - Assentamentos; Funcionais - Cachimbo; e Estético - Colar de Lágrimas de nossa senhora.

#### 4.1 Artefatos Simbólicos - Os Assentamentos

Aceitando a indissociabilidade do autor e de sua pesquisa, nos colocamos aqui, tanto como autores como quanto adeptos do ritual da Jurema Sagrada. Figueiredo (2021), pontua que os artefatos sagrados dos assentamentos são como mantenedores do conhecimento da religião, dentro dos assentamentos, os artefatos seriam uma pequena porção do que é o universo do Catimbó de Jurema.

Esses assentamentos são uma forma de resistência aos conceitos de estética religiosa que o colonialismo trouxe, do que poderia ser considerado como 'civilizado', quando falamos da arte sacra. Essa hegemonia estabelecida e imposta no processo de colonização, teve como efeito a discriminação e apagamento de outras práticas religiosas, como é o caso da Jurema Sagrada. O assentamento é um local, que no campo religioso, serve de representação das entidades dentro da Jurema, um espaço palpável que se conecta com os Mestres Encantados em suas falanges, e servem como depósito de intenções, onde convergem a prática do Catimbó de Jurema. Em outras palavras, é através dessas representações que os médiuns conseguem conectar a existência da entidade do assentamento, podendo fazer seus pedidos diretamente e é comum dentro desses locais onde se encontram velas, flores, jóias e perfumes que são oferecidas a entidade pelo médium ou simpatizante da religião.

Nesta disposição de artefatos, podemos notar figuras de gesso pintadas (figura 6 e 7) que representam a falange dos mestres boiadeiros, como no cristianismo agindo como um Signo<sup>15</sup>,

<sup>15</sup> O signo não é uma classe de objetos, mas a função de um objeto no processo da semiótica. O signo, portanto, tem sua

podemos observar a presença de recipientes de vidro como água, segundo Pai Jorge, os assentamentos são criados com copos e taças, que representam o arquétipo masculino e feminino, servem como representação das cidades da Jurema, a variação da cor, vai depender da mestra que está sendo cultuada e quando são empilhados significa o maior tempo e função daquele médium dentro do terreiro, dentro dos copos temos a água que representa a energia do médium do conhecimento ancestral que através delas podemos perceber como está sua vida do médium, a cachaça serve como oferenda que é dada ao mestre, pode ser a própria Cachaça ou a bebida ritualística, fumos tem sua função como combustível de cachimbo para rituais e os troncos da árvore Jurema representação do saber, símbolo de conhecimento e também um laço do adepto com os encantados ali cultuados.

Figura 6: Representação de um altar dedicado ao mestre boiadeiro, com sua figura de (20x30cm), feita de gesso, além da figura de Boiadeiro temos outras figuras de mestras a de vestido curto é mestra Ritinha (20x10cm) e a maior é mestra Rosa(30x10), na frente das figuras de gesso temos os copos e taças, além do castiçal que segura a vela oferecida às entidades como ponto de luz, para que eles possam ser iluminados pelo conhecimento daquela entidade e o tronco de Jurema nos pés do mestre, os adereços ao redor serve para enfeitar.



Fonte: Acervo pessoal

Os assentamentos formam uma resistência cultural carregada por anos de luta de um povo e cultura que foi minoria diante da hegemonia estabelecida, entretanto, a partir dos processos de hibridismo cultural encontramos também os artefatos da religião católica presentes nos locais dos assentamentos. Segundo Nascimento (1994, p.5) a prática do Catimbó de Jurema, associado à umbanda, permitiu sua sobrevivência dado os poucos registros sobre a cultura

---

existência na mente do receptor e não no mundo exterior. (NOTH, 1995:66)

afroindígena documentados. Pela característica de oralidade dessas duas culturas o acesso à informação se torna difícil, sendo apenas possível adquirir esses conhecimentos fazendo parte da comunidade ou como frequentadores de seus ritos, por outro, assegurou a resistência da prática da Jurema Sagrada e do Catimbó de Jurema até os dias atuais através do sincretismo religioso.

Figura 7: Representações do altar de preto velho e preta velha no Abassá Axé Ilê de Iansã junto com oferendas oferecidas para os preto velhos, as oferendas para eles são as comidas típicas, grande maioria feita de milho, além de acarajé, tapioca e muitas outras.



Fonte: Acervo pessoal

Diante dos elementos religiosos presentes nas sessões de Catimbó de Jurema agregam várias cosmologias religiosas: o maracá, um chocalho que marca todas as sessões; as toadas que versam sobre a história da jurema, dos encantados e seus significados, assim como as histórias de suas entidades. Em entrevista com Babalorixá Jorge de Oya, perguntamos sobre o ronco<sup>16</sup> da Jurema Sagrada, como é composto o altar em dedicação às entidades juremeiras dentro do seu terreiro, ele fala que além da Estrela de Salomão (Uma variante da cruz de Davi<sup>17</sup>, essa adaptação dentro do Catimbó de Jurema está diretamente associado à concentração de energias), outros objetos litúrgicos compõem a mesa da jurema, dentro do ronco: o príncipe ou princesa (figura 8), recipiente com água; velas; imagens de caboclos ,

<sup>16</sup> Onde são colocados os assentamentos e os apetrechos dos diversos espíritos. É onde também se energizam os objetos e as pessoas, onde se deixam os pedidos, as comidas (GIOVANNI e CECÍLIA [s.d])

<sup>17</sup> Este símbolo apareceu primeiramente ligado aos judeus já na Era do Bronze - no século IV a.C. - num selo judaico achado na cidade de Sidom. Também aparece em muitas sinagogas antigas na terra de Israel datadas da época do Segundo Templo e até mesmo em algumas depois de sua destruição pelos romanos. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Estrela\\_de\\_Davi](https://pt.wikipedia.org/wiki/Estrela_de_Davi) acesso em 27/06/2024

mestre e santos; crucifixos; cachimbo e fumo; as oferendas e os assentamentos<sup>18</sup>. Na grande maioria dos altares temos a presença do tronco da jurema, um pedaço do tronco da própria árvore que após passar por uma ritualística encarna a entidade do juremeiro.

#### 4.2 Artefato Funcional - O Cachimbo

Em termos arqueológicos no Brasil os cachimbos são tomados em alguns contextos como “indicadores de espaços ocupados por escravos e quilombolas” (Gaspar, 2011. pág.45). Registros arqueológicos na América do Sul, especialmente no Chaco<sup>19</sup>, possuem grande diversidade de cachimbos, os quais constituem as melhores evidências do uso mais antigo do tabaco nestas terras.

Os cachimbos dentro da Jurema (figura 12) que observados durante o trabalho de campo eram todos confeccionados de madeiras (especificamente do tronco da Jurema, *Acacia Jurema*) ou de cerâmica. O uso do cachimbo pelos Juremeiros tem alta probabilidade de ser um hábito (ou um ritual) pré colonial, em que pese a eventual dificuldade da arqueologia sul-americana em situar certos cachimbos como originários de povos ameríndios, europeus ou africanos.

Segundo Assunção (2010), estudiosos já descreviam rituais com cachimbo no séc. XVI no sertão nordestino. Seus antigos moradores, os índios, tinham rituais que bebiam, fumavam cachimbo e manipulavam ervas invocando os ancestrais. Wagley (1943) observou a seguinte cena:

Tratar os doentes é o dever mais comum dos pajés e o uso do tabaco é sempre o prelúdio e complemento necessário dessa operação. Eles sempre curam ao cair da noite... Ao visitar um paciente, o pajé acocora-se próximo da rede, acendendo imediatamente um cachimbo... O pajé sopra fumaça sobre todo o corpo do paciente, depois sobre as próprias mãos, cospe nelas e começa vagarosamente e firmemente a fazer massagens no enfermo. Anualmente os pajés ‘chamam o trovão’ e opõe suas forças às dele. Numa intoxicação frenética, pelo engolir a fumaça do tabaco, constantes danças e cânticos caem em transe durante o qual viajam até a casa do Trovão (WAGLEY, 1943, *apud* PEREIRA, 2011, p.45).

O cachimbo durante o ritual de Catimbó tem como função de encantar, ele é um dos instrumentos mais utilizados pelos encantados, “o cachimbo da Jurema é usado para encantação, para a invocação, para a retirada de energia indevida daqui, mas para trazer energias positivas também” (TRINDADE, p. 121. 2020).

Figura 8: Cachimbos feitos de madeira de Jurema

<sup>18</sup> São artefatos sagrados que têm função de criar corporeidades para algo que está no campo espiritual.

<sup>19</sup> Chaco ou Gran Chaco (do quíchua: *chaku*, "território de caça") é uma região geográfica da América do Sul. Possui aproximadamente 1.280.000 quilômetros quadrados e abrange partes dos territórios da Bolívia, Argentina, Paraguai e Brasil. (AGUIRRE, 1898)



Fonte: Acervo pessoal

Pai Jorge de Oya, durante nossa entrevista sobre o uso do cachimbo, deixa bem claro que seu uso é fundamental e está diretamente ligado aos pretos (as) velhos, esse artefato também está muito presente na Umbanda. Em Pernambuco também podemos ver juntos com os mestre da jurema e até Exús. A origem do cachimbo é muito antiga e ele é encontrado em todos os continentes, possui diversos formatos e é fabricado com materiais variados. Na África o cachimbo é empregado pelos curandeiros nativos com finalidades mágicas e religiosas. O Kimbando – o mago bantu – nunca deixa seu Pexi (cachimbo) de lado, Nei Lopes, no *Novo dicionário banto do Brasil*, afirma que a origem da palavra vem do idioma kimbundu: kuxiba, "chupar" (a fumaça).

A fumaça é a Natureza em movimento, o sopro que tudo envolve e o espírito que anima os seres. Quando ela cobre um objeto ou um vivente, infunde o poder do encanto que liga a Terra ao Céu, e o Mundo Humano ao Mundo Divino. Os juremeiros invertem seus cachimbo colocando o fornilho (onde se queima o fumo) na boca soprando a fumaça que sai através da piteira. A fumaça é responsável pela limpeza, ela eleva os pensamentos dos filhos ao mesmo tempo em que comunica o desejo das entidades (RODRIGUES E CAMPOS, 2013). Fumar o cachimbo, dentro de um ambiente religioso, é um ato sagrado. O cachimbeiro é um veículo dos bons espíritos e um agente da cura dos males do corpo e da alma. Nos rituais da Pajelança Cabocla e da Jurema Sagrada o pito recebe um nome mágico. Ele é lavado com ervas secretas e depois é enterrado numa Lua Cheia especialmente escolhida. Dentro da Jurema Sagrada é usado com: tabaco ou fumo de rolo; com alfazema, muito empregada em defumações e fumaçadas; com sementes de jurema, alecrim e sálvia.

O seu uso é muito importante dentro do terreiro, mas é preciso que o sacerdote local ou quem manuseia o cachimbo esteja em dias com seus rituais da Jurema Sagrada, estando limpo fisicamente e espiritualmente.

### 4.3 Artefato Estético - Colar de Lágrima de Nossa Senhora

Segundo Souza (2007), a associação dos colares ritualísticos as religiões afrodescendentes são heranças das diversas culturas africanas que foram trazidas ao novo continente, entretanto, eles eram importantes na distinção não de grupos religiosos, mas das etnias africanas.

O candomblé e a Umbanda, religiões de terreiro, são as grandes responsáveis pela associação entre a prática religiosa e os colares de contas, dentro do Catimbó de Jurema, devido a seu hibridismo cultural, se faz uso dos colares de conta, que aqui assumem características nordestinas.

O colar de Lágrima de Nossa Senhora, como já indica seu nome, tem ligação com as religiões cristãs, as sementes são bastante utilizadas dentro do artesanato na composição de terços e rosários. No Candomblé e na Umbanda seu uso é semelhante ao das guias usadas, mas elas assumem características locais quanto a seu uso e estão também associadas ao tempo de Jurema.

A *Coix lacryma-jobi* (figura 9) conhecida também como Lágrima de Nossa Senhora, utilizada na confecção de terços e rosários, dentro da filosofia budista, estão ligadas à meditação, seu potencial também tem sido analisado há séculos pela medicina oriental, para tratamentos anti-inflamatórios, antioxidantes e combate a tumores (PATEL *et al.*, 2017).

Figura 9: *Coix lacryma-jobi* com as Sementes



Fonte: <http://revistaecologico.com.br/revista/edicoes-anteriores/edicao-109/lagrime-de-nossa-senhora/>

Figura 10: Sementes de Lágrima de Nossa Senhora colhidas.



Fonte:Acervo pessoal

Para as culturas indígenas, é utilizada por etnias, como Kariri Xocó e indígenas do Oiapoque como forma de ornamentação para seus rituais, registrados na revista *Artefatos e matérias-primas dos povos indígenas do Oiapoque (2013)*, na Etnia Kariri Xocó, localizada na cidade de Porto Real do Colégio, no estado de Alagoas, o relato foi concebido pelo Cacique Pawanã registrado por Jéssica Terra<sup>20</sup>, que diz “A lágrima de Nossa Senhora, na língua nativa dele que é a *Dzimbukuá*, se chama *Natiá*, que significa ‘semente de tradição’, por que é uma semente que foi usada muito antes dele nascer, pelos seu ancestrais, essa semente é usada muito comumente para criar um colar de proteção.”(TERRA, Jéssica Terra Biojoia, 2021).

Dentro do Catimbó de Jurema seu está ligado à composição de colares, sua função serve como representação do tempo que aquele médium tem na Jurema Sagrada, variando pelo números de fios encontrados nos colares, também como função a proteção espiritual de quem o porta. Existe um padrão que é respeitado em todas as casas, que são a quantidade de fios. Quando é feita uma visita a outra casa, o colar com mais fio significa que maior tempo de religiosidade, fazendo com que os filhos com menos tempo tomem a benção. O reconhecimento do tempo de vivência e da prática religiosa, servem como indicação de sabedoria de Catimbó de Jurema dentro do culto da Jurema Sagrada.

Há dentro das religiões de terreiro uma infinidade de tipos de colares, variando em sua forma e material, dentro da Jurema Sagrada os feitos de Lágrimas de Nossa senhora, são em

<sup>20</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=PcfPO8cQvxo&t=336s>

geral compridos, até a altura do umbigo, levando em conta a falange que pertence aquele colar e também o ritual que aquele Juremeiro passou e seus anos de religião. Quanto maior a quantidade de fios e adereços, maior a posição da pessoa dentro do Catimbó de Jurema. Um colar com 1 fio, representa que aquele adepto começou a menos de 3 anos no Catimbó de Jurema, não realizou rituais sagrados e está conhecendo e frequentando, quando passa para um colar de 3 fios, ele já passou pelo ritual de iniciação e já está participando de rituais e realizando os mesmo, inclusive nesse momento o médium já tem assentamentos para cultuar os encantados, o colar com 5 fios, representa que aquela pessoa já participou da maioria dos rituais para se tornar Juremeiro, além disso ele já está pronto para abrir um terreiro se caso ele deseje, o colar de 7 fios que é o último nível, aquele médium já passou por todos os rituais anteriores e ainda conheceu todas as cidades encantadas atrás de um ritual sagrado, conhecido como 'Tombo de Jurema', este ritual em particular não nos foi permitido ter conhecimento, já que é um ritual que acontece com portas fechadas para apenas os médiuns que passaram pelo tombo, aquele médium tem um lugar de honra dentro do catimbó, onde todos aqueles médiuns que estão abaixo dele, devem pedir sua benção.

Figura 11: Exemplar de colar com 7 fios de lágrimas de nossa senhora.



Fonte: Acervo pessoal

Figura 12: Exemplo de colar com 7 fios de Lágrimas de nossa senhora com crucifixo



Fonte: <https://lojadas7marias.com.br/produtos/guia-7-fios-em-lagrimas-de-nossa-senhora-sa007/>

Figura 13: Exemplo de colar com um fio de lágrimas de nossa senhora.



Fonte: <https://www.seteencantos.com.br/produtos/guia-de-sementes-lagrimas-de-nossa-senhora/>

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Artefatos do Catimbó de Jurema exercem a função prática, estética e simbólica, por muitas vezes um artefato possui mais de uma função, e é através de seus usos que existem e resistem os saberes da Jurema Sagrada, sem estes artefatos não existem nem a prática nem o fundamento, aqui em atravessamento e de forma indissociável a cultura material mantém e perpetua a prática religiosa do culto a Jurema Sagrada. É necessário pontuar que neste estudo nossa abordagem se contextualiza e diz respeito às observações e vivências feitas no culto a Jurema Sagrada do terreiro Abassá Axé Ilê de Iansã. A falta de registros históricos precisos sobre esta prática religiosa e um estudo aprofundado dos artefatos que compõem o Catimbó de Jurema, revelam a grande lacuna que vem pouco a pouco sendo preenchida por pesquisadores de áreas das humanidades e saúde. São narrativas como a do Babalorixá Jorge de Oyá que nos ajudam a retrair a formação e origem dentro de Pernambuco, e do Nordeste de modo geral. Essa história é cheia de detalhes, sem o apoio de uma base historiográfica sólida, sendo assim, os artefatos assumem o lugar de uma composição no coletivo religioso.

Estes artefatos e suas funções dentro do Catimbó de Jurema, são também o seu papel uma síntese de cosmovisão da Jurema Sagrada, e, dessa forma, exercem um papel enraizamento e pulverização dos conhecimentos. O fato é que eles estão ligados a todas as práticas dentro do culto a Jurema Sagrada, a história dos terreiros e de seus filhos, assentamentos, objetos ritualísticos e indumentárias se estendem e se conectam às vivências e, de mesmo modo as vivências se conectam a eles, como visto nos assentamentos físicos que representam a manifestação de entidades, de crenças e de saberes do Catimbó de Jurema.

Diante disso, a partir da perspectiva do Design, e muito particularmente do Design da Informação e dos estudos em Memória gráfica, é relevante em seu olhar sobre a cultura religiosa nordestina, sendo nosso foco principal o estudo dos artefatos que constituem o culto à Jurema Sagrada. Estes artefatos, para além de suas funções ritualísticas, são também a materialização e a expressão de uma cultura e de um povo que resiste, e que ainda hoje é invisibilizado. É em nome de nossa ancestralidade ameríndia e afro diaspórica, que tentamos lançar nosso olhar enquanto designers para a dimensão espiritual, através de sua materialidade, no intuito de restituir e colocar o culto à Jurema Sagrada e a prática do Catimbó de Jurema, no devido lugar de importância que tem na construção de nossa identidade brasileira, nordestina e pernambucana.

## Referências

ANDRADE, Tânia. **Cultura Material: A dimensão concreta das relações sociais**. Rio de Janeiro, v.6 n. 1, pág. 1-13. Maio 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/899PQPGsVV5WGxNyxXqzhwc/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 4 Julho de 2024

AMORIM, Siloé. **Os Kalankó, Karuazu, Koiupanká e Katokinn: resistência e ressurgência indígena no alto sertão Alagoano**. Orientador: Cornelia Eckert. 2010. 413 f. Tese (Pós Graduação) - Universidade federal do rio grande do sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/felip/Downloads/000753434.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2024.

Aguirre, Juan Francisco (1898). **Etnografía del Chaco (1793)**. Boletín del Instituto Geográfico Argentino 19: 464-510.

ASSUNÇÃO, Luiz. **O reino dos mestres: a tradição da jurema na umbanda nordestina**. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

BASTIDE, Roger. **Imagens do nordeste místico em branco e preto**. Rio de Janeiro: O cruzeiro, 1945.

BURKER, Peter. **Hibridismo Cultural**. Ed. 1. Rio Grande do Sul. Editora Unisinos, 2003.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Meleagro: pesquisa do Catimbó e notas da magia branca no Brasil**. Rio de Janeiro: Agir, 1978.

\_\_\_\_\_. Dicionário do folclore brasileiro. 9. ed.: revista atualizada e ilustrada - São Paulo: Global, 2000.

Sousa, Carlos César Pereira de. **Malungo**. Fortaleza: SEDUC, 2023.

CARNEIRO, Giovanna. **Conheça a história e a luta de Catucá, o maior quilombo de pernambuco**. marcozero.org. 2023. Disponível em: <https://marcozero.org/conheca-a-historia-e-a-luta-de-catuca-o-maior-quilombo-de-pernambuco/>. Acesso dia 02/06/2024.

COELHO, Eduarda. **DO CHÃO AO ATABAQUE: UMA INTRODUÇÃO AOS RITOS DA JUREMA**. Monografia (Licenciatura em Ciências das Religiões) – Coordenação do Curso de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba . Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p. 49. 2016.

DEMO, Pedro. **Ambivalências da sociedade da informação**. Ciência da Informação, [S. l.], v. 29, n. 2, 2000, p. 37-42. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/885>. Acesso em: 25/03/2024.

Ehlers, Letícia Presser. (En)canto de Jurema. Porto Alegre: s.n., 2017.

FIGUEIREDO, João Batista. **Assentamentos da Jurema Sagrada: Expressão de um conhecimento ancestral**. Orientador: Luiz Carvalho de Assunção. 2021. 193 f. Tese (Pós Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021. Disponível em: [file:///K:/PPGDesign/Mestrado/P&D%20Design%202024/AssentamentosJuremaSagrada\\_Oliveira\\_2021.pdf](file:///K:/PPGDesign/Mestrado/P&D%20Design%202024/AssentamentosJuremaSagrada_Oliveira_2021.pdf). Acesso em: 4 jul. 2024.

GONÇALVES, Michelle, BIVAR, Roberta. **CAMINHOS DA VISIBILIDADE: A ascensão do culto a Jurema no campo religioso do Recife.** Scielo, 2013. Disponível:<https://www.scielo.br/j/afro/a/NhYg6vqM7ZkkGFjhDjzMPxf/?format=pdf&lang=pt> (acesso em: 24/03/2024)

GASPAR, Maria Dulce. 2011. **Arqueologia, cultura material e patrimônio. Sambaquis e cachimbos.** Cultura Material e patrimônio de C & T". Disponível em: [http://www.mast.br/projetovalorizacao/textos/livro%20cultura%20material%20e%20patrim%C3%B4nio%20de%20C&T%52ARQUEOLOGIA,%20CULTURA%20MATERIAL%20E%20PATRIM%C3%94NIO\\_mariadulce.pdf](http://www.mast.br/projetovalorizacao/textos/livro%20cultura%20material%20e%20patrim%C3%B4nio%20de%20C&T%52ARQUEOLOGIA,%20CULTURA%20MATERIAL%20E%20PATRIM%C3%94NIO_mariadulce.pdf) (acesso em: 25/03/2024).

GIOVANNI, Antonio, CECÍLIA, Hermana. **CATIMBÓ, UMBANDA E CANDOMBLÉ: O CAMPO RELIGIOSO AFRO-BRASILEIRO EM JOÃO PESSOA.** João Pessoa

HAESBAERT, R. **Hibridismo cultural, "antropofagia" identitária e transterritorialidade.** In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. *Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia* [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, pp. 27-46. ISBN 978-85-232-1238-4. Available from SciELO Books .

KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil.** 5. ed. atual. Brasil: Nacional, 1942. 614 p. v. 221. DOI <http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/305>. Disponível em: <file:///K:/PPGDesign/Mestrado/P&D%20Design%202024/Viagens%20ao%20Nordeste%20do%20Brasil.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2024.

LÖBACH, B. **Design industrial: bases para a configuração dos produtos industriais.** s. l.: Edgar Blücher, 1976.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas: estudo antropológico sobre a cultura material.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Miller, Daniel. **Material Culture and Mass Consumption.** Oxford: Basil Blackwell, 1987.

NASCIMENTO, Marco Tromboni. **"O Tronco da Jurema": ritual e etnicidade entre os povos indígenas do Nordeste – o caso Kiriri.** Dissertação. (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1994.

NOTH, Winfried. **Panorama da Semiótica: de Platão a Peirce.** São Paulo: Annablume, 1995. (Coleção E, 3).

NANTES, Martinho de. **Relação de uma missão no Rio São Francisco.** 1. ed. atual. Brasil: Editora Nacional, 1979. 75 p. v. 1. Disponível em: [https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Anantes-1979-relacao/Nantes\\_1979\\_Relacao\\_OCR.pdf](https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Anantes-1979-relacao/Nantes_1979_Relacao_OCR.pdf). Acesso em: 4 jul. 2024

OLIVEIRA, Jamille. **ECOS DE LIBERDADE: a Santidade de Jaguaripe entre os alcances e limites da colonização cristã (1580-1595).** Salvador. 2015

PATEL, B.; PATEL, G.; SHAH, S.; PARMAR, S. A. Review: *Coix lacryma jobi* L. *Research Journal of Pharmacognosy and Phytochemistry.* v. 9. p.248, 2017. 10.5958/0975-4385.2017.00046.2.

RAMOS, Arthur. **O Negro brasileiro.** 1º volum: etnografia religiosa. Rio de Janeiro: Graphia, 2001.

Ehlers, Letícia Presser. (En)canto de Jurema. Porto Alegre: s.n., 2017.

RODRIGUES, Michelle G. CAMPOS, Roberta B.C. **CAMINHOS DA VISIBILIDADE: A ASCENSÃO DO CULTO A JUREMA NO CAMPO RELIGIOSO DE RECIFE.** J [s. l.], v. 1, ed. 1, p. 1-23, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/felip/Downloads/21284-Artigo-72204-1-10-20170129.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2024.

SALLES, Sandro G. **RELIGIÃO, ESPAÇO E TRANSITIVIDADE: Jurema na Mata Norte de PE e Litoral Sul da PB.** Orientador: Carlos Sandroni. 2010. 270 f. Tese (Pós Graduação em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. Disponível em: [https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/867/1/arquivo7059\\_1.pdf](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/867/1/arquivo7059_1.pdf). Acesso em: 4 jul. 2024.

SALLES, Sandro. **À sombra da Jurema: a tradição dos mestres juremeiros na Umbanda de Alhandra.** Revista Antropológicas, ano 8, volume 15(1),2004, p. 99-122.

SANCHES, Andreza. ANTONIO, Junior. **Cultura Material na Antiguidade.** Londrina, Paraná. 8º Encontro de atividades científicas, 2005

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa das relações sociais.** São Paulo: Herder, 1965.

Sem autor: **ESTRELA DE SALOMÃO**, wikipedia. 2010. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Estrela\\_de\\_Davi](https://pt.wikipedia.org/wiki/Estrela_de_Davi). 27 de junho de 2024.

SOUZA, Patrícia. **Axós e Ilequês: rito, mitos e estética do candomblé.** São Paulo, 2007. Tese (Doutorado em Sociologia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo

TRINDADE, Rafael. **“CACHIMBO É CATIMBÓ E VICE-VERSA”: UMA ANÁLISE ICONOGRÁFICA DO CACHIMBO E DO RITUAL DE JUREMA DE CHÃO.** Tese (Mestrado em Ciência das religiões). Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba. Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, p.172. 2020

TWYMAN, Michael. **A Schema for the study of graphics language.** In: **Processing of visible language**, 1979. Editado por Paul A. Kolers, Merald E. Wrolstad & Herman Bouma. Nova York 7 Londres: Plenum Press, vol. pág. 117-150.

VIEIRA, José Glebson. **A (im)pureza do sangue e o perigo da mistura : uma etnografia do grupo indígena Potiguara da Paraíba.** Curitiba : UFPR, 2001. (Dissertação de Mestrado).

WAGLEY, Charles. **Xamanismo Tapirapé.** Antropologia, Rio de Janeiro, ano 1943, v. 1, n. 3, p. 1-48, 15 set. 1943. Disponível em: [https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Awagley-1943-xamanismo/wagley\\_1943\\_xamanismo.pdf](https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Awagley-1943-xamanismo/wagley_1943_xamanismo.pdf). Acesso em: 4 jul. 2024.